



DOSSIÊ: A HERANÇA DA REFORMA: POR UMA LEITURA DA REFORMA
L'EREDITÀ DELLA RIFORMA: PER UNA LETTURA DELLA RIFORMA

O MITO DO HERÓI NO PROCESSO DE RESIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA DOS ÍNDIGENAS TABAJARA DA PARAÍBA

THE MYTH OF HERO IN THE PROCESS OF REFRAMING IDENTITY OF
INDIGENOUS TABAJARA OF PARAÍBA

*Carlos André Macedo Cavalcanti*¹

*Lusival Antonio Barcellos*²

*Anderson Cordeiro de Moura*³

RESUMO

A etnogênese dos indígenas Tabajara, configura um processo histórico de luta recente, pelo reconhecimento étnico e retomada de suas terras no Estado da Paraíba. O presente artigo, tem como principal objetivo, realizar uma interpretação imagética acerca deste processo de reorganização e ressignificação da identidade dos indígenas Tabajara, a partir da liderança do Cacique Ednaldo dos Santos Silva e sua identificação com o mito do herói presente na profecia conservada na memória dos mais antigos. Para tanto, adotamos a pesquisa descritiva e de natureza bibliográfica. Tomamos como suporte analítico a obra de Barcellos e Farias (2015), a Teoria do Imaginário na perspectiva de Durand (2001) e a jornada do herói norteado por Campbell (1973). Como resultado, é possível indicar que a referida profecia, teve uma relevância simbólica neste processo de ressignificação dos Tabajara, ressaltando a importância dos mitos no processo de organização e autoafirmação de um povo.

Palavras-chave: Mito; Imaginário; Indígena; Tabajara

ABSTRACT

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba-UFPB. E-mail: carlosandrecavalcanti@gmail.com.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba-UFPB. E-mail: lusivalb@gmail.com.

³ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba-UFPB. E-mail: andersoncm16@hotmail.com.

The ethnogenesis of the Tabajara Indians, sets up a recent fight historical process, the ethnic recognition and recovery of their lands in the state of Paraíba. This article aims, conduct an imagery interpretation about this process of reorganization and redefinition of the identity of Tabajara indigenous, from the leadership of Chief Ednaldo dos Santos and his identification with the hero myth. Therefore, we adopted the descriptive and bibliographical research. We take as analytical support imaginary Theory in Gilbert Durand's perspective and the hero's journey guided by Campbell. As a result, it is possible to indicate that that prophecy had a symbolic importance in this reframing process of tabajaras, highlighting the importance of myths in the process of organizing and self-affirmation of a people.

Keywords: Myth; Imagination; Indigenous; Tabajara

INTRODUÇÃO

O processo de reorganização dos indígenas Tabajara é um acontecimento histórico recente que teve sua gênese, na identificação do cacique Ednaldo dos Santos Silva, com uma profecia conservada na memória dos seus familiares que prenunciava a chegada de um jovem que deveria reunir o povo disperso e retomar as suas terras. Durante muito tempo dizia-se que os Tabajara haviam se extinguido. Fadados ao esquecimento, muitos professores e toda sociedade referiam-se a eles, apenas para aludir sua presença histórica do período da colonização.

No entanto, hoje, a existência dos Tabajara é uma realidade histórica, resultante de um processo de luta, que fora acompanhado pela pesquisadora Eliane Farias em sua pesquisa de Mestrado, e pelo professor Lusival Barcellos, pertencentes ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cujo trabalho destaca-se pelo pioneirismo na área, o qual tomamos como referência para nossa pesquisa.

Procuramos, neste trabalho, analisar o processo que possibilitou o ressurgimento do povo Tabajara, a partir da Teoria do Imaginário na perspectiva de Gilbert Durand. Com o objetivo de identificar a influência da profecia, sobre o jovem Ednaldo dos Santos, procurando estabelecer, as atitudes desenvolvidas por ele, que o aproximam da imagem do herói, beligerante que protege o seu povo dos perigos e das provações.

Tomamos, portanto, as categorias propostas por Campbell (1997), que caracterizam a jornada pela qual se constitui o herói, como também os regimes de imagens (diurno e noturno) conforme estruturado por Durand. Espera-se desta maneira, evidenciar a importância dos mitos para um povo neste caso, especificamente os Tabajara, a partir da liderança do cacique Ednaldo em sua construção indenitária, na revivência da sua cultura, dos seus mitos, ritos e espiritualidade.

1. UM SÉCULO E MEIO DE SILENCIAMENTO

O etnônimo Tabajara é proveniente da junção de dois termos *taba*=aldeia e *jara*= de yara, do tupi: [...] “Senhor, Dono, aquele que domina, conhecidos como senhores da Aldeia” (BARCELLOS; FARIAS, 2015, p. 85). Com a chegada dos europeus no século XVI, o litoral brasileiro encontrava-se povoado por uma grande variedade de povos diferentes, que foram chamados de índios pelo colonizador, expressão que utilizamos hodiernamente para nos referir aos povos originários. Destes grupos aqui encontrados (BARCELLOS; FARIAS, 2014), estavam os Tabajara e os Potiguara, do tronco linguístico Tupy.

Com os intensos conflitos entre portugueses e franceses pela posse da costa nordestina brasileira, os indígenas Potiguara aliaram-se aos Franceses e os Tabajara aos Portugueses, que obtiveram sucesso na empreitada efetivando a posse definitiva do território e consequentemente da exploração das riquezas naturais da nova terra. Neste contexto, os indígenas Tabajara foram aldeados e sofreram um perverso processo de aculturação da sua cultura, seus costumes, suas tradições e do seu modo de vida. “Como visto na história colonial as práticas de aldeamento e conversão dos nativos atuaram de forma a domesticar essas populações introjetando os valores e normas portuguesas no universo cultural indígena” (BARCELLOS; FARIAS, 2015, p. 80). Os autores esclarecem que no período colonial “[...] a etnia Tabajara incorporou-se ao mundo colonial lusitano, chegando quase ao completo desconhecimento” (Ibidem, p. 91).

Assim como todos os grupos indígenas, a história deste povo é marcada por lutas, violência e exclusão. Fosse a violência física por meio dos castigos, da escravidão ou a violência simbólica como a proibição dos cultos nativos indígenas, os Tabajara bem como os Potiguara na Paraíba, estiveram em meio a intensos conflitos durante o período colonial. Contemporaneamente, no período da instalação da Fábrica de Tecidos da Companhia de Rio Tinto, no início do século XX, os Lundgren provocaram um intenso conflito territorial com a população indígena.

A fábrica foi instalada em 1924 e certo comendador Campelo, homem de grande prestígio político, residente em Mamanguape, pressionava os índios providenciando sua prisão, negociando em seguida a liberdade em troca do título da terra. Teria dessa forma se apropriado de 30 títulos que mais terra vendera aos Lundgren (AMORIM, 1970, p. 41).

Esta família descendente de suecos, primeiramente implantou o polo fabril em Igarauçu-PE, expandindo, em seguida, seus negócios até a Paraíba. No entanto, as intensas disputas

provocadas pela posse das terras, levaram a um silenciamento e mesmo a uma negação da identidade indígena. “Diante dos fatos, o povo Tabajara submeteu-se a um processo de negação de sua identidade com receio de mais opressão” (BARCELLOS; FARIAS, 2015, p. 91). O que gerou a assertiva do “desaparecimento” de mais dezena dos “índios” da Paraíba (BARCELLOS; FARIAS, 2014), assim como os Tabajara no Litoral Sul, enquanto os Potiguara permaneceram como o único povo indígena paraibano.

No entanto, a partir do ano 2006 a população Tabajara entra num processo de luta pela retomada de suas terras e de autoafirmação de sua identidade indígena, encabeçado pelo jovem Ednaldo dos Santos Silva, a partir de sua identificação com uma profecia conservada na memória dos mais velhos descendentes dos Tabajara, que aludia ao fato de que um jovem apareceria para reconquistar o que era deles por direito (BARCELLOS; FARIAS; CÓZAR, 2015). Atualmente, os Tabajara da Paraíba, residem nas aldeias Vitória e Barra de Gramame, do município do Conde-PB e nas periferias dos municípios de Alhandra, Caaporã, Pitimbu e de João Pessoa.

Este trabalho fará uma análise, a partir da teoria do imaginário, referente ao movimento de ressignificação da identidade indígena, no tocante a trajetória do cacique Ednaldo, que motivado pelo mito profecia, decidiu lutar pelos direitos do seu povo, possibilitando o reconhecimento oficial dos Tabajara como segunda etnia da Paraíba na atualidade.

2. PROFECIA E RESSURGIMENTO

A jornada do Cacique Ednaldo iniciou-se na década de oitenta, quando seus pais Josefa Maria dos Santos e José Paixão da Silva, viram-se obrigados a migrar para outro Estado em busca de melhores condições para manter a família, haja vista a grande escassez de peixes que assolava os pescadores da praia de Pitimbu, localizada no sul da Paraíba. Desta forma, Ednaldo vai com seus pais morar no estado de Alagoas, embora seus pais decidam voltar para a Paraíba após alguns anos, o Ednaldo, na época com dez anos permanece em Alagoas sob os cuidados de uma família alagoana. Ednaldo dedicou-se ao futebol e destacou-se a ponto de conseguir um ousado contrato em euros, para jogar num time em Portugal (BARCELLOS; FARIAS, 2015). Antes de assinar contrato, Ednaldo decide viajar para a Paraíba com o intuito de visitar seus pais e familiares, prevendo o longo período de tempo que passaria sem vê-los. Nesta viagem de retorno a suas origens, toma conhecimento do mito da profecia e da situação dos Tabajara que se encontravam dispersos sem identidade, e sensibiliza-se com a causa.

Ednaldo tendo conhecimento de mais esse elemento (a profecia), inicia a trajetória em busca de provas documentais e das narrativas dos anciãos, arquivo vivo de seu povo. Documentado prossegue à procura por seus familiares dispersos por todo litoral sul da Paraíba. Nessa busca consegue reunir grande parcela de parentes e inicia um movimento de reavivamento e sua etnia e de reivindicação dos seus direitos sobre o seu antigo território (BARCELLOS; FARIAS, 2015, p. 64).

A profecia conservada na memória dos mais antigos fora contada pelo tronco velho⁴ Antônio Francisco do Nascimento, popularmente conhecido como Antônio Piaba, citado pelos mais antigos como um homem místico, que possuía dons sobrenaturais, como a habilidade de se vultar⁵, curar enfermidades, e prever o futuro. De acordo com o relato do atual cacique Carlinhos, da aldeia Barra de Gramame, seu avô profetizara certa noite em volta de uma fogueira: “[...] dia virá em que um jovem forte, capacitado e destemido assumirá nossa história, nossa gente e a retomada de nossa terra” (BARCELLOS; FARIAS, 2015, p. 63).

Neste sentido, percebemos como a história da profecia se torna um elemento incorporado ao processo de ressignificação da cultura Tabajara. Nestes termos, a ação do Ednaldo será motivada por esta profecia, a partir de sua identificação com a causa em benefício de seu povo, que vai torná-lo uma liderança imprescindível para a concretização da etnogênese deste povo. “Não há dúvidas de que todo movimento não teria se efetivado se não houvesse a orientação de Ednaldo que move ações e arregimenta seu povo” (BARCELLOS; FARIAS, p. 64). Desse modo, consideramos este processo de ressurgimento do povo Tabajara, como um movimento de caráter messiânico-milenarista, pois de acordo com Consorte (1984, p. 41):

Constituem-se como movimentos messiânicos, milenaristas, ou messiânico-milenaristas desde simples contestações pacíficas quanto a aspectos selecionados da vida social, até rebeldias armadas, ambos os tipos informados pelo universo ideológico religioso, capazes de, ao mesmo tempo, diagnosticar as causas das atribulações e sofrimento e indicar caminhos para sua superação, desde os mais racionais até os mais utópicos. O imaginário religioso progressivo, sua exacerbação ou superação por uma nova revelação profética, está sempre presente, interpretando a realidade, postulando objetivos e indicando os meios pelos quais estes serão alcançados.

Evidenciamos, portanto, o caráter messiânico do movimento, presente em vários elementos como o imaginário dos indígenas sustentados pela fé na profecia, e a liderança do líder carismático que reúne seu povo em busca de seus direitos. A partir deste processo, fora preciso

⁴ Na linguagem indígena, os Tronco-velhos, é a denominação dada aos anciãos. “Aos tronco-velhos, atribui-se reconhecimento de uma autoridade enquanto portadores da memória Tabajara. Uma memória que revela muitos saberes” (FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 135).

⁵ Capacidade de se ocultar, de desaparecer. Uma crença comum entre os povos indígenas.

buscar reconstituir os símbolos e elementos da sua cultura indígena, como seus costumes, crenças, mitos e ritos. “[...] cultura indígena, precisa exibir símbolos de indianidade e, assim o Toré passou a ser uma exibição pública de indianidade em encontros, festas e outros eventos que contam com a presença de pessoas” (MOONEM; MAIA, 1992, p. 112). Os Tabajara, portanto, passaram a criar os sinais visíveis de sua indianidade na atualização de seus mitos e ritos.

No campo das crenças e da espiritualidade como elemento constituinte de sua identidade enquanto povo indígena destaca-se o ritual do Toré (GRÜNEWALD, 2004). “O Toré é um ritual expressivo, vivo, envolvente e mexe com as emoções, com a subjetividade, com a intimidade, com a espiritualidade, com o que há de mais sagrado e até possibilita às pessoas mais sensíveis passarem para outro nível de consciência e entrarem em transe” (BARCELLOS, 2014, p. 304).

Ressaltamos a importância dos ritos para um povo, pois, a vida dos seres humanos encontra sua essência na dimensão do mito que ressurge através dos ritos. Neste sentido, segundo Eliade (1973, p. 78, grifo do autor): “Durante as cerimônias rituais, os participantes têm a consciência de reproduzir, nos mínimos detalhes, os atos exemplares dos Ancestrais e dos heróis, assim como estes os executaram em *illo tempore*” Salientamos também, que os ritos se apresentam como um símbolo de união e legitimação de um grupo, na preservação de suas tradições e como elemento aglutinador de sua pertença ao grupo.

O rito refere-se, pois, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si. Reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo. A busca pela ordem e o movimento são elementos constitutivos dos rituais (VILHENA, 2005, p. 21).

Os ritos são fundamentais, portanto, no processo de autoafirmação do povo Tabajara, posto que os rituais têm suas raízes fincadas na ancestralidade mítica e fazem parte do legado cultural de um povo preservando suas tradições e seus mitos. Também a espiritualidade própria dos indígenas, que é ressignificada pelos Tabajara, passa a ser um elemento constitutivo de sua identidade. De acordo com (BOFF, 2001, p. 11), “A espiritualidade é uma das fontes primordiais [...] de inspiração do novo, de esperanças alviceiras, de geração de um sentido pleno e de capacidade de autotranscendência”. A espiritualidade alimenta a esperança de um tempo novo do qual o herói/Cacique Ednaldo seria o portador.

3. O IMAGINÁRIO HERÓICO

Até presentemente, apresentamos de forma sistemática, a história do povo Tabajara, do silenciamento histórico por eles sofrido durante mais de um século e o seu processo de reorganização sob a liderança do cacique Ednaldo. A partir de agora, propomo-nos a empregar a teoria durandiana do imaginário para a análise deste processo estabelecendo a relação entre a imagem do herói e a pessoa do cacique Ednaldo.

Desenvolvemos nossa análise a partir das ações simbólicas desenvolvidas pelo cacique relacionando-as com a classificação proposta por Durand (2001) que nos apresenta os dois regimes de imagens: o diurno e o noturno. O regime noturno apresenta uma tendência a homogeneidade, uma linguagem metafórica, a solução não está na luta. Já o regime diurno é considerado como o regime da antítese, de ideias opostas, onde encontramos os símbolos e os temas de luta, de enfrentamento do guerreiro contra o monstro devorador. Desta forma, ressaltamos que em nossa pesquisa foi possível identificar o heroísmo do cacique Ednaldo nas imagens de combate que ele travou pela conquista da autonomia do povo Tabajara, classificando-o no regime diurno. Percebemos pelas ações externas do Cacique Ednaldo seu empoderamento da posição de líder e sua aproximação com a imagem do herói esperado, que deveria salvar o povo da opressão em que se encontrava. “[...] Alimentados pela profecia contada pelo ‘tronco velho’ Antônio Piaba, o povo Tabajara viveu esperançoso que um dia se concretizasse o que representava a concepção de vida que ansiavam a décadas” (BARCELLOS; FARIAS, 2015, p. 61).

Dado a importância dos mitos para um determinado povo, consideramos que a imagem do Cacique Ednaldo viabiliza esta concepção imagética do guerreiro, herói, pai, defensor. “O movimento dos indígenas Tabajara é claramente marcado pela liderança carismática do cacique” (BARCELLOS; FARIAS, p. 64). Desta forma, a liderança do Ednaldo também se manifesta na imagem que os seus familiares postulam dele, ao relacionar-se ao arquétipo, do pai de proteção e defesa.

4. JORNADA DO HERÓI

Neste sentido, buscamos apresentar as ações que o Cacique realizou e que se configuram como a imagem do herói. Para tanto, teremos como fundamentação teórica Campbell (1997), que nos apresenta as etapas pelas quais se configura a imagem do herói. São elas: mundo

comum, chamado, recusa do chamado, encontro com o mentor, travessia do primeiro limiar, ventre da baleia, aproximação da caverna escura, aprovação, recompensa, caminho de volta, ressurreição e retorno com o elixir.

Para a análise da construção imagética do herói esperado na pessoa do cacique Ednaldo estruturamos em três momentos o esquema proposto por Campbell (1997): a) *O Chamado* - que abarca o mundo comum, a aventura, a recusa ou aceite ao chamado e o encontro com o mentor; b) *A Aprovação* - onde descreveremos sobre a travessia do primeiro limiar, o ventre da baleia, aproximação da caverna escura e a aprovação; c) *A Recompensa* - faremos neste momento, a descrição sobre o caminho de volta, a recompensa, a ressurreição e o retorno com o elixir.

4.1 O Chamado

Observamos que o chamado acontece na vida do Ednaldo a partir do momento em que ele retorna a sua cidade de origem para visitar seus familiares e toma conhecimento da situação difícil do seu povo e sensibiliza-se pela causa. Ele próprio afirmou que sentiu um chamado interior para que ele fizesse algo: “[...] Era uma atração tão forte que parecia um chamado dos meus ancestrais” (BARCELLOS; FARIAS, 2015, p. 65). A partir do chamado, o herói poderá resistir ou não, neste caso, o jovem Ednaldo resolveu responder positivamente ao chamado que recebera e por tanto, a recusa não ocorreu. Todavia, ao comprometer-se com este chamado, inicia-se uma aventura para um enfrentamento da vida, necessário seria a partir desta resposta positiva ao chamado que abraçara, rejeitar o contrato que lhe renderia a oportunidade de trabalhar na Europa, com o que ele mais gostava, que era o futebol, e mudar totalmente seu estilo de vida. Era uma aventura sair do conforto de uma perspectiva de melhores condições de vida em outro país, para uma realidade nova e desafiadora.

Em seguida, Ednaldo encontra-se com o mentor, que acontece no momento em que o herói recebe uma ajuda sobrenatural para superar as provas no caminho que deve percorrer. Neste sentido, destacamos o encontro de Ednaldo com o Tronco Velho, Antonio Piaba, neste encontro ele toma conhecimento da profecia e a partir de então toma definitivamente a coragem para prosseguir na luta. “A profecia vai ter uma relevância simbólica, a partir do momento em que reúne as famílias reconhecendo o elo consanguíneo da etnia” (BARCELLOS; FARIAS, p. 65). A figura de Antônio Piaba, tornou-se de fato o mentor do cacique não apenas como transmissor da profecia, como conselheiro e formador.

Essa figura representa o poder benigno e protetor do destino [...] o poder protetor está para todo sempre presente no santuário do coração, e até imanente aos elementos não familiares do mundo, ou apenas por trás deles. Basta saber confiar, e os guardiões intemporais surgirão. Tendo respondido ao seu próprio chamado, e prosseguindo corajosamente conforme se desenrolam as consequências, o herói encontra todas as forças do inconsciente ao seu lado (CAMPBELL, 1997, p. 76).

Desta forma, Antonio Piaba torna-se o grande mentor de Ednaldo que se constituiu como o auxílio que o encorajava a prosseguir mesmo diante das dificuldades encontradas.

4.2 A Provação

Após as quatro primeiras etapas, o herói deve continuar sua jornada enfrentando a provação. Que para o jovem Ednaldo se constituiu do enfrentamento junto aos órgãos competentes pelo reconhecimento da terra e revitalização de suas tradições. Para tanto, coube a Ednaldo ir em busca dos parentes distantes, dispersos nas periferias de João Pessoa e cidades circunvizinhas para que pudessem se organizar, ao mesmo tempo em que entrava em contato com os órgãos e movimentos indigenistas, tais como: a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a Comissão Nacional de Política Indigenista (CNPI), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a UFPB, entre outros.

Assim, transpando o primeiro limiar, o herói pode entrar no ventre da baleia, que representa todo espaço onde ocorrerão as transformações, onde ocorre um renascimento. “[...] A ideia que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia. O herói em lugar de conquistar ao aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão que morreu” (BARCELLOS; FARIAS, p. 91). No caso do cacique Ednaldo, reportamo-nos ao momento de conclusão e envio do relatório de fundamentação antropológica para a FUNAI Brasília (MURA, 2010), o que acelerou o processo de reconhecimento da identidade do povo Tabajara e constatou a existência de 755 indígenas.

Em seguida, a próxima etapa é a aproximação da caverna oculta, onde o herói vai enfrentar alguns lugares estranhos, terras desconhecidas, selvas, mares abertos, ou densa escuridão. O cacique Ednaldo enfrenta esse limiar ao deparar-se com o pouco apoio social e financeiro na busca pelos recursos necessários para o andamento do processo reivindicatório da etnia Tabajara. Assim o Cacique Ednaldo, enfrenta a provação suprema quando precisou enfrentar

um conflito com uma grande fábrica nacional de cimento pelo direito à terra, posto que esta fábrica reivindicava o direito sobre ela. (BARCELLOS; FARIAS, 2014). Este foi um dos momentos mais difíceis para a luta dos Tabajara pelo direito a terra, no entanto, a luta foi vencida e em seguida o herói pode receber a recompensa esperada.

4.3 A Recompensa

O cacique Ednaldo supera as dificuldades e firma um acordo com os donos da referida fábrica que se comprometeu a adquirir uma área de, no mínimo, 6 hectares, nas proximidades do Sítio dos Caboclos, próximo ao local de ocupação tradicional indígena, que fora doada à FUNAI para uso exclusivo desta comunidade indígena e será incorporada ao patrimônio da FUNAI para integrar uma reserva indígena que deverá ser criada, por ocasião de futura demarcação. Neste sentido, os Tabajara, puderam comemorar a vitória sobre a provação enfrentada, sempre guiados pelo carisma e coragem do líder, cacique/Herói Ednaldo.

Quanto ao caminho de volta, este acontece quando o herói consegue vencer todas as provas, vencer os monstros como também os perigos encontrados pelo caminho e então retorna trazendo consigo a sabedoria acumulada em sua jornada. Verificamos em nossa pesquisa, como o Cacique Ednaldo tornou-se um líder respeitado e comprometido com a causa indígena, participando ativamente de debates e reuniões com órgãos competentes locais e em Brasília, sempre defendendo os direitos do seu povo. No que diz respeito a ressurreição, podemos dizer que a vida do Ednaldo dos Santos tomou um novo caminho e uma nova percepção do mundo e de si mesmo a partir do momento em que ele responde ao chamado, deixando de ser Ednaldo dos Santos e assumindo a identidade de Cacique Ednaldo Tabajara, desta forma, podemos dizer que acontece um novo nascimento ou uma ressurreição, que alude à figura do herói vitorioso que então retorna com o elixir, ou seja, a sonhada terra que está em processo de conquista, conseguida com muita luta, agora está próxima de pertencer ao povo Tabajara.

Assim, percebemos como a jornada do herói pode ser entendida na trajetória do cacique Ednaldo dos Santos, a partir das ações heroicas por ele realizadas que caracterizam a imagem do líder, herói esperado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que, tanto Joseph Campbell quanto Gilbert Durand, que serviram de base para nossa exposição evidenciam as constantes relações entre nossa vida, os mitos e o imaginário.

A jornada do Cacique/herói, exposta neste trabalho é um exemplo disto. A partir da introjeção da profecia pelo Cacique Ednaldo, vemo-lo constituir-se como líder que vai em busca dos direitos do seu povo. Esta concepção imagética também está presente na imagem que o povo passa a ter do Ednaldo atribuindo a ele, o papel de herói. Alude ao arquétipo de proteção (pai-virilidade-potência).

Destacamos assim, a importância do imaginário como ferramenta de análise, que nos ajuda a compreender e identificar aspectos que não se mostram em um primeiro momento e que necessitam de um instrumental teórico capaz de abarcar a grandiosidade e complexidade das ações humanas, enquanto sua relação com o simbólico, partindo do pressuposto de que “[...] o imaginário consiste em um sistema dinâmico organizador de imagens, cujo papel fundador é o de mediar a relação do homem com o mundo, com o outro e consigo mesmo” (SANCHES-TEIXEIRA, 2000, p. 17).

Consideramos, portanto, que a estrutura de sensibilidade heróica que desenvolve o Cacique Ednaldo foi matizada pela coragem posto que acreditava na autenticidade da profecia. Desta forma, animados pela coragem do cacique, o povo Tabajara encontra ânimo para a luta e se organiza para a retomada de suas terras e do reconhecimento de sua identidade indígena.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

_____; FARIAS, Eliane. **Memória Tabajara**: manifestações de fé e de Identidade étnica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

_____; _____ *et al.* **Diversidade PARAÍBA**: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos. João Pessoa: Grafset, 2014.

_____; _____; CÓZAR, Juan Soler. **Paraíba Tabajara**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

CAMPBELL, Joseph. **A jornada do herói**: Joseph Campbell vida e obra. (Org). Phil Cousineau. Tradução de Cecília Prada. SP: Agora, 2003. CIVITA, Victor (Ed). **Mitologia** (v.I,II,III). SP: Abril Cultural, 1973.

_____. **O poder do Mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAVALCANTI, Carlos André; CAVALCANTI, Ana Paula. **O que é imaginário?:** Olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

CONSORTE, Josildeth Gomes; NEGRÃO, Lísias Nogueira. **O Messianismo no Brasil contemporâneo.** São Paulo, FFLCH-USP/CER, 1984.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
_____. **O mito do eterno retorno.** Tradução Manuela Torre. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1969.

EWALD, R. A. (Org.). **TORÉ** – regime encantado do índio do nordeste. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2004.

GOMES, Eunice Simões Lins. **Educação e religião:** ações simbólicas de padre Rolim. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

MOONEM, Frans; MAIA, Luciano Mariz (Org.). **Etnohistória dos Índios Potiguara.** João Pessoa: PR/PB; SEC/PB, 1992.

MULLER, Lutz. **O herói:** Todos nascemos para ser herói. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1997.

MURA, Fábio (Coord.). **Relatório de Fundamentação Antropológica para caracterizar a ocupação territorial dos Tabajara no Litoral Sul da Paraíba.** Instrução Técnica Executiva n. 34/DAF/2009. João Pessoa, ago. 2010.

SANCHES-TEICHEIRA, Maria Cecília. **Discurso pedagógico, mito e ideologia:** O imaginário de Paulo Freire e Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

VILHENA, Maria Ângela. **Ritos:** expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.